

# Fil.

Professor: Gui de Franco  
Monitor: Debora Andrade



Este conteúdo pertence ao Descomplica. Está vedada a cópia ou a reprodução não autorizada previamente e por escrito. Todos os direitos reservados.

## RESUMO

Sören Kierkegaard

Sören Kierkegaard (1831 - 1855) foi um filósofo dinamarquês que ficou conhecido como um dos precursores do existencialismo contemporâneo, que tem como característica principal a imersão na realidade concreta dos indivíduos, tratando de questões como a angústia, o medo, a morte, desespero, alienação, absurdo, tédio, entre outros. O existencialismo se opõe, em grande medida, às doutrinas filosóficas universalistas e racionalistas, que acabam fazendo desaparecer o aspecto subjetivo em sistemas conceituais abstratos. O homem é o construtor de sua própria existência, o que coloca a questão da liberdade e da responsabilidade que lhe é inerente. Por mais que o existencialismo seja logo associado a uma forma de ateísmo, podemos afirmar que não é bem esse o caso, pois Kierkegaard era um cristão devoto e nunca abandonou a sua fé.

Para Kierkegaard, viver de maneira íntegra e apaixonada é algo que depende e é responsabilidade do próprio **indivíduo, apesar das “distrações existenciais”, tais como o desespero, o absurdo e a alienação.** O desespero é o afastamento da existência concreta, é o pior dos males, aquele para o qual não é remédio. Nem mesmo a morte, tida como um grande mal, é considerada por ele como um mal maior do que o desespero. Sobre o absurdo, podemos dizer que se refere ao conflito entre a busca do homem por dar sentido à vida e a incapacidade de encontrar um significado. O absurdo existencial nos remete à ideia de que as coisas do mundo não possuem um sentido intrínseco, mas somos nós que lhes atribuímos significado.

Já no que se refere ao conceito de alienação para Kierkegaard, trata-se da própria auto-negação do indivíduo ao não compreender que ele pode ditar sua própria história, que ele possui essa responsabilidade. A alienação é estimulada, por exemplo, pelos meios de comunicação de massas, sempre que distorcem a realidade dos fatos. Tomar as próprias decisões não é fácil e, em diversos casos, é muito mais cômodo apenas obedecer ordens do que se dar ao trabalho de questioná-las.

Para o pensador dinamarquês, todas as decisões que tomamos se devem a uma escolha, mas essa liberdade não nos gera felicidade, mas, ao contrário, um estranho sentimento de angústia. Para explicar melhor o conceito de angústia ele faz uso da imagem de um homem no alto de um penhasco. Ao olhar para baixo, ele sente dois diferentes tipos de medo, o primeiro é o medo de cair do penhasco. O segundo, é o medo de, num impulso, se jogar do penhasco. Exatamente por existir essa liberdade, do ponto de vista da ação humana, é que surge essa angústia perturbadora para os indivíduos.

Kierkegaard enfatiza a importância de reconhecermos a liberdade de escolhermos as nossas ações a de buscarmos significado e propósito na vida. Não há caminho ideal ou caminho correto, mas cada um deve escrever a sua própria história de vida de acordo com aquilo que deseja. Para ele há 3 possíveis modos de vida que um ser humano poderia escolher: estética, ética e religiosa. O modo de vida estética é caracterizado pelo hedonismo romântico, ou seja, pela busca de realização de todas as nossas possibilidades, o que nos leva a experimentar alegrias que são sempre passageiras e que, em última instância, acabam por levar ao desespero.

Já o modo de vida ético está inserido no campo do dever e da honra, ou seja, se afasta totalmente do modo de vida estético. Aquele trabalhador que nunca falta ao trabalho, aquele pai de família devoto, eles são exemplos desse modo de vida em que tudo é levado a sério. Nada é mais importante do que a intensidade com a qual lida com suas responsabilidades. Do conflito entre o modo de vida estético e do modo de vida ético surge o modo de vida religioso, caracterizado pela submissão do homem não à ética, mas sim a Deus. O exemplo usado pelo pensador é o episódio da bíblia no qual Deus exige a Abraão o sacrifício de seu filho Isaac. Isso representa um salto, segundo Kierkegaard, do modo de vida ético para o modo de vida religioso, pois, para além da discussão ética que está em jogo, é preciso se valer da crença em Deus e na submissão do homem a Ele.

# EXERCÍCIOS

1. Um dos elementos fundamentais da Filosofia contemporânea é o contexto de crise da razão. Nela, criticam-se pilares da racionalidade moderna, como a ideia de fundação do conhecimento a partir do sujeito, e a possibilidade de uma ação moral universal. Com base na afirmação acima, assinale o que for correto.
- (01) Sören Kierkegaard (1813-1885), precursor do existencialismo cristão, fez críticas severas à Filosofia moderna, pois nela o ser humano não aparece como ser existente, mas reduzido ao conhecimento objetivo.
- (02) Friedrich Nietzsche (1844-1900), ao perguntar sobre o valor dos valores, não representa uma novidade na maneira de formular as questões da Filosofia, sobretudo ao propor o movimento genealógico.
- (04) Sigmund Freud (1856-1939), fundador da Psicanálise, evidencia o papel da racionalidade da consciência e da unidade do eu, estabelecendo, para determinar as pulsões, a análise sintética *a priori*.
- (08) Michel Foucault (1926-1984) introduz, no cenário filosófico, o conceito de microfísica do poder, isto é, a fragmentação do sujeito em torno de um núcleo teórico unívoco, tanto moral quanto epistêmico.
- (16) A Escola de Frankfurt utiliza-se da razão instrumental para criticar os céticos e fundamentar, em novas bases, o cientificismo.
- Soma: ( )
2. Ser ou não ser – eis a questão.  
Morrer – dormir – Dormir! Talvez sonhar. Aí está o obstáculo!  
Os sonhos que hão de vir no sono da morte  
Quando tivermos escapado ao tumulto vital  
Nos obrigam a hesitar: e é essa a reflexão  
Que dá à desventura uma vida tão longa.
- SHAKESPEARE, W. *Hamlet*. Porto Alegre: L&PM, 2007.
- Este solilóquio pode ser considerado um precursor do existencialismo ao enfatizar a tensão entre
- a) consciência de si e angústia humana.  
b) inevitabilidade do destino e incerteza moral.  
c) tragicidade da personagem e ordem do mundo.  
d) racionalidade argumentativa e loucura iminente.  
e) dependência paterna e impossibilidade de ação.
3. Em relação ao conceito sartreano de humanismo existencialista, é CORRETO afirmar que o homem
- a) supera a angústia e a quietude, considerando a má fé no âmbito de um projeto subjetivista e ao mesmo tempo determinista.  
b) é a medida de todas as coisas, considerando os aspectos teológicos que dão suporte à sua existência.  
c) é um ser universalmente capaz de inventar a si próprio, baseando-se na doutrina de Abraão e do Anjo.  
d) mantém um vínculo entre a transcendência – no sentido de superação – e a subjetividade.
4. Para Sartre (1905-1980) o homem a todo momento está escolhendo o caminho a seguir em sua existência, e esta escolha tem valor porque é feita entre outras inúmeras possibilidades; esta situação é de angústia, mas, uma vez feita a escolha, a angústia passa a ser a autonomia do querer. A situação existencialista da escolha, tal como foi descrita, implica
- a) a má fé do homem, pois a escolha é feita somente para satisfação de si mesmo.  
b) a responsabilidade do homem, pois ele é sempre o autor da escolha feita.  
c) a falsa consciência, que desconhece a autonomia e aceita aquilo que fazem de si.  
d) a natureza humana imutável do indivíduo, que é a certeza da liberdade espiritual.

---

# GABARITO

---

## Exercícios

1. 01 + 08 = 09.  
As seguintes asserções são erradas:  
(02): Nietzsche queria superar o modelo filosófico anterior. Com certeza representou uma novidade para a filosofia; um exemplo disso é a sua concepção de moral.  
(04): Freud fazia a distinção entre *ego* e *superego*. Não se pode dizer que com isso ele queria evidenciar o papel da racionalidade da consciência.  
(16): Na realidade, a escola de Frankfurt contrapunha-se ao cientificismo e à razão instrumental.
2. a  
A filosofia existencialista apresenta o questionamento de um ser humano que percebe a sua existência (consciência de si), mas se vê como ser que se faz no mundo. Tal existência traz consigo, portanto, um paradoxo e uma angústia (angústia humana), uma vez que o homem, e somente ele, é o responsável por seus atos e percebe sua finitude na morte.
3. d  
A alternativa [D] é a única correta. A transcendência evocada por Sartre não diz respeito a uma concepção religiosa. Pelo contrário, ela está relacionada à superação do homem, em um movimento de consciência para fora de si.
4. b  
A escolha, segundo Sartre, implica em responsabilidade do homem, não somente por suas escolhas, mas também pelas suas consequências. É por isso que a liberdade, segundo Sartre, é também, em certa medida, uma forma de condenação que gera uma situação de angústia.